***O Cristo em Nós***

Se pensarmos em qualquer uma das virtudes humanas - caridade, fraternidade, perdão, paciência, sabedoria, tolerância, indulgência, justiça, coragem, temperança, humildade - qualquer uma, veremos que todas elas encontram-se desenvolvidas em seu grau máximo, em sua excelência no Cristo.

Agora, se nos perguntarmos qual é o objetivo principal de estarmos reencarnados na Terra, nessa infinidade de condições, com todos os problemas que assolam a humanidade nos 4 cantos do nosso planeta, podemos responder, sem nenhum receio de errar, que nosso objetivo é desenvolver gradativamente as virtudes que já existem em plenitude no Cristo.

E é exatamente esse o tema das nossas reflexões de hoje: *O Cristo em Nós*. Reparem que não é *Jesus em Nós.* Mas por quê essa distinção? Afinal de contas, Jesus não foi o Cristo que se fez homem entre nós? Então tanto faz dizer *O Cristo em Nós* ou *Jesus em Nós*, certo? De fato trata-se do mesmo Espírito. Contudo, vamos apresentar as explicações que o Espiritimo nos dá acerca do Cristo e de Jesus.

A palavra Cristo tem origem no grego Christós (Χριστός), que significa "ungido" ou "escolhido por Deus". Portanto, Cristo não é um nome; é um termo que define alguém de altíssima condição espiritual.

Emmanuel na obra *A Caminho da Luz*, psicografado por Chico Xavier, no capítulo I - *A Gênese Planetária*, nos diz que existe uma Comunidade de Espíritos Puros e escolhidos por Deus, ou seja, uma comunidade de Cristos que é encarregada de tomar todas as decisões sobre a vida nas coletividades planetárias do nosso sistema solar.

Jesus é um dos integrantes dessa comunidade e recebeu diretamente de Deus a missão de ser co-criador do planeta Terra. Isso quer dizer que, desde que nosso planeta nasceu, Jesus, o "nosso" Cristo já era o governador espiritual da Terra.

No nosso atual estágio de evolução é impossível para nós compreendermos a grandeza do Cristo. Nosso planeta tem aproximadamente 4.5 bilhões de anos. É uma medida de tempo tão grande que nós não conseguimos nem mesmo conceber. Nossa noção de tempo é limitada àquilo que nos alcança os sentidos, àquilo que nossa História consegue registrar.

E o que os séculos e mesmo os milênios representam diante desses 4.5 bilhões de anos de existência do nosso planeta? Praticamente nada.

Portanto, em termos de evolução espiritual não há como negar que existe um gigantesco abismo entre nós e o Cristo. Mas, a despeito disso, Ele, atendendo aos desígnios de Deus, fez-se homem entre nós para dar-nos os exemplos vivos do Seu Evangelho de amor e de luz.

Antes de nós nos aprofundarmos nesse assunto, há uma questão que vale a pena esclarecer.

É possível que em algum momento de nossas vidas já tenhamos feito a seguinte pergunta: como fica a evolução espiritual dos povos e das sociedades não cristãs? Estariam elas privadas de evoluir espiritualmente? O que as aguarda na vida futura?

Estima-se que a população mundial hoje seja de aproximadamente 8.1 bilhões de pessoas. Dessas, 2.63 bilhões são cristãos, ou seja, mais ou menos 33% de toda a população do mundo. Como ficam então os outros 67% da população mundial que não são cristãos?

Seria uma injustiça de Deus dar à apenas 1/3 da população da Terra o direito de "salvar-se" através do cristianismo. Ora, nós não podemos conceber Deus com o menor traço de injustiça, então deve haver uma explicação. E, de fato, há.

Quem nos explica é Emmanuel, também na obra *A Caminho da Luz.*  No capítulo IX - *As grandes religiões do passado*, item *A gênese das crenças religiosas*, Emmanuel nos diz que todas as religiões do mundo têm sua origem no amor incondicional do Cristo.

Todos os grandes líderes religiosos da humanidade, mesmo aqueles que viveram antes de Jesus - Buda, Lao-Tsé, Confúcio, Moisés, Maomé - exerceram seu papel junto aos seus povos sob o comando do Cristo.

Emmanuel diz também que é um erro terrível considerar bárbaros e pagãos os povos terrestres que ainda não conhecem diretamente o evangelho de Jesus porque Ele sempre acompanhou e ainda acompanha a evolução das criaturas em todos os cantos do nosso planeta.

Dessa forma, não há nenhum povo, nenhuma civilização no nosso mundo que não tenha recebido, direta ou indiretamente, os ensinamentos do Cristo.

E não poderia ser de outra forma. Jesus trabalha de acordo com a vontade de Deus e sendo Deus soberanamente justo e bom, Ele não poderia privar os povos não cristãos do direito de evoluírem e entrarem no Reino dos Céus.

Diga-se de passagem toda e qualquer atrocidade que nós vemos sendo cometidas por questões religiosas é uma distorção do ensinamento original. Basta lembrar que o próprio cristianismo tem um capítulo negro em sua história que foi a Inquisição.

Assim, esse Espírito Excelso vem conduzindo os processos de evolução da humanidade no planeta Terra desde a sua formação. E há pouco mais de 2 mil anos, Ele decidiu que era chegado o momento de fazer-se homem como nós. Nasce então Jesus, o Cristo.

Joana de Angelis, através da psicografia de Divaldo Franco, nos conta na obra *Celeiro de Bênçãos*, na lição 59 intitulada *Epopéia do Natal*, que a situação da humanidade quando Jesus nasceu era desoladora. A ignorância que predominava era um convite à violência e ao crime.

Ideais de justiça e moral estavam sufocados pela depravação e pela desonestidade. O povo sofria humilhações, misérias e opressões. Os poderosos se utilizavam das leis para se manterem no poder e para exercer dominação arbitrária.

O cenário político era marcado pela ociosidade e pela negligência das necessidades do povo, colocando à margem do caminho os fracos e os humildes.

Qualquer semelhança com os dias atuais não é mera coincidência.

Se 2 mil anos já se passaram e a humanidade ainda se encontra sob condições muito semelhantes à da época em que Jesus nasceu, não é por não compreender os ensinamentos do Cristo; é por não vivenciá-los.

Hoje, nós poderíamos ter escolhido fazer uma série de outras coisas, mas optamos por estar aqui, reunidos nessa Casa cristã que nos acolhe. E se assim o fizemos é porque já desejamos que o Cristo viva em nós.

Vamos apresentar algumas questões que podem nos auxiliar nesse processo.

O primeiro ponto que gostaríamos de destacar é que o evangelho do Cristo deve ser sempre a nossa referência, a bússula a guiar nossos passos e nossas atitudes. Todos os atos de nossas vidas deveriam ser pautados pelo Evangelho do Cristo.

Apesar de termos o evangelho como farol, somos ainda muito imperfeitos e haverá momentos em que estaremos em dúvida: devo agir dessa ou daquela forma? Se eu fizer tal coisa estarei prejudicando a alguém?

Costuma-se dizer que nesses momentos devemos nos perguntar o seguinte: "O que Jesus faria se ele estivesse em meu lugar"? É uma reflexão que realmente pode nos ajudar, nos dar um direcionamento sobre a escolha correta a ser feita.

Mas e se mudássemos a pergunta para: "O que Jesus diria se ele me visse agindo dessa forma"?

Essa segunda pergunta coloca mais responsabilidade sobre nossos ombros. Enquanto na primeira eu tento imaginar Jesus agindo e eu O observando, na segunda sou eu que estou agindo e Jesus me observando. Uma coisa é eu ver Jesus fazendo algo; coisa bem diferente é Jesus me ver fazendo algo.

Há situações em a gente pensa: "Bom, Jesus faria dessa forma, mas ainda não consigo agir assim. Então farei do meu jeito mesmo". A bem da verdade isso é uma desculpa; a gente meio que lava as mãos e faz aquilo que não é certo, mesmo sabendo que não deveria agir daquela maneira.

Mas quando nós imaginamos Jesus ao nosso lado, observando nossas ações, pensamentos e sentimentos, fica um pouco mais difícil persistir no erro. Vem à nossa mente a imagem do mestre como a nos dizer: "Vai mesmo agir dessa forma? Apesar de tudo o que você já aprendeu com meu evangelho, vai mesmo seguir com a escolha errada"? Isso tende a nos constranger mais se insistirmos nas escolhas erradas.

Se adotarmos esse filtro de imaginar Jesus nos observando, provavelmente com o passar do tempo iremos nos livrar de hábitos prejudiciais a nós e aos outros.

Seja como for, o importante é adotarmos o evangelho como nosso roteiro de vida.

Uma outra questão à qual nós precisamos nos atentar é a seguinte: não devemos esperar a perfeição para trabalhar na seara de Jesus.

Muitas pessoas se dizem incapazes de seguir os ensinamentos do Cristo pelo fato de serem imperfeitas, portadoras de muitos defeitos. Isso é um enorme equívoco.

Essa maneira de pensar é curiosa porque mostra que Jesus tem mais confiança em nós do que nós mesmos. Em João 14:12 Jesus disse:

*Aquele que crê em mim, as obras que eu faço, ele também fará, e fará maiores do que estas, porque eu vou para o Pai.*

Através dessas palavras Jesus destaca que a semente divina existe em todos nós, sem exceção. Mas a condição para que essa semente germine, floresça e frutifique é crer em Jesus.

Porém, não se trata de uma crença superficial; trata-se da crença materializada nas obras no bem.

Não podemos aguardar a nossa perfeição para trabalhar com o Cristo e para o Cristo. É exatamente o contrário: construiremos a perfeição à medida que trabalharmos com o Cristo e para o Cristo.

Se Jesus somente aceitasse Espíritos perfeitos para aprenderem com Ele e posteriormente darem continuidade à Sua obra, Ele teria trabalhado sozinho porque não havia - e provavelmente ainda não há - Espíritos perfeitos aqui na Terra.

Mas o que o Mestre fez? Escolheu pessoas comuns, com falhas e defeitos, para o seguirem, para aprenderem com Ele e, posteriormente, para levarem o Evangelho onde fosse possível.

Pedro negou Jesus por 3 vezes. Na ocasião em que Jesus estava prestes a ser preso, agiu com impulsividade e cortou a orelha do soldado romano, ainda que Jesus pedisse tranquilidade a todos.

Tiago e João queriam que descesse fogo do céu para destruir os samaritanos que se recusaram a dar hospedagem a Jesus simplesmente porque Ele se dirigia a Jerusalém. Jesus repreendeu a ambos dizendo

*... o filho do homem não veio para destruir a vida dos homens, mas para salvá-la.*

Tomé era incrédulo. Não acreditou que Jesus havia vencido a morte enquanto não tocou as áreas perfuradas pelos cravos no corpo de Jesus ressucitado.

Natanael, também chamado Bartolomeu, era preconceituoso. Quando foi informado por Filipe que o Messias previsto por Moisés havia sido encontrado e que ele era de Nazaré, Natanael diz "De Nazaré, pode sair algo bom?".

E a situação de Judas? Vocês acham que Jesus não tinha conhecimento de que Judas iria traí-Lo? É obvio que Jesus sabia.

Diga-se de passagem é preciso esclarecer que Judas não veio ao mundo predestinado a trair Jesus. O problema é que Judas tinha ânsia de ver o povo liberto do domínio romano. Jesus o advertiu por diversas vezes sobre isso. Infelizmente Judas não ouviu essas advertências e movido pelo desejo de implantar de imediato o Reino de Jesus na Terra acabou por trair o próprio Mestre.

Esses exemplos mostram que os discípulos eram pessoas comuns, que erravam. E mesmo diante dessas demonstrações de imperfeição, Jesus não rejeitou nenhum deles, não impediu nenhum deles de continuar a segui-Lo.

É assim temos sido tratados pelo Cristo. Ele não é conivente com nossos erros nem nos incentiva a permanecer neles. Mas o Mestre tolera nossas imperfeições, nos perdoa e, a qualquer momento em que estejamos verdadeiramente dispostos a servir em Sua seara, nos aceita como trabalhadores.

O processo de transformação para que o Cristo viva em nós precisa ser feito com equilíbrio. Por mais que queiramos promover nossa reforma íntima, ela não acontecerá da noite para o dia. Pouquíssimas pessoas têm a virtude de Paulo de Tarso que, dentro de uma mesma existência, passou de combatente ferrenho do Cristianismo a um de seus maiores divulgadores.

Para a grande maioria de nós, esse processo é lento, as mudanças serão pequenas e acontecerão aos poucos. A expectativa de uma transformação completa do nosso ser certamente irá nos frustrar e essa frustração pode interromper nossa caminhada.

Emmanuel diz que a disciplina antecede a espontaneidade. Isso quer dizer que, fazemos muitas das coisas certas primeiro por obrigação e só mais tarde, com o passar do tempo, passamos a fazer com naturalidade.

Vamos dizer que sou o tipo de pessoa que, ao ser ofendido ou insultado, imediatamente revido também com uma ofensa ou um insulto. Sou aquela pessoa que diz que não leva desaforo para casa. Começo a estudar o Evangelho do Jesus e vejo que Ele nos recomenda que, quando alguém nos bater em uma face, ofereçamos ao ofensor a outra face, ou seja, diante do comportamento negativo de alguém, tenhamos para com aquela pessoa o comportamento oposto.

A partir desse momento, todas as vezes que eu responder uma ofensa com outra ofensa, eu começo a me sentir incomodado porque sei que deveria agir da maneira diferente. Porém, eu ainda não consigo.

Passado algum tempo, eu começo a me calar diante das ofensas dirigidas a mim. O sangue ferve, os batimentos cardíacos vão nas alturas, a vontade de falar um monte de coisas é enorme, mas em um esforço gigantesco eu consigo me manter calado. Sempre que me lembro daquela ofensa surge em mim um desejo enorme de ter revidado a ofensa.

Decorrido mais algum tempo, eu continuo me calando diante das ofensas que recebo, mas percebo que tenho feito um esforço menor; meu corpo físico já não é tão afetado como era antes. E mais: quando me recordo do momento da ofensa, já não vem aquela vontade de ter revidado. Pelo contrário: sinto-me satisfeito por ter permanecido em silêncio.

Chegará o momento em que, diante da ofensa, eu não apenas deixarei de revidar como também serei capaz de me dirigir ao ofensor de maneira serena e equilibrada, evitando assim qualquer discussão.

Então, aquilo que comecei fazendo por obrigação e que exigiu um esforço gigantesco da minha parte, aos poucos tornou-se o meu comportamento natural. O curioso nesse tipo de transformação é que, geralmente sentimos um pouco de vergonha da maneira como nos comportávamos antes e, o mais importante, já não nos permitimos mais agir daquela maneira antiga.

Então, não há nenhum problema que no início façamos as coisas certas por obrigação. O importante é fazê-las. Com o tempo nós as faremos de maneira natural.

Seguindo com nossas reflexões, não há como falar em internalizar os ensinamentos do Cristo sem falar em renúncia, coragem e força de vontade. Para entendermos o que isso significa, vamos recorrer à duas passagens evangélicas.

A primeira está em Mateus 16:24

*"Então Jesus disse aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me".*

Aqui o Mestre nos diz claramente o que nós precisamos fazer se desejamos, de fato, segui-Lo.

Há muitas pessoas que interpretam de maneira equivocada o *negue a si mesmo*. Elas pensam que, para seguir Jesus, é preciso anular-se, abdicar completamente de sua personalidade. É como se nós, como individualidades, tivéssemos que abrir mão de nossos pensamentos e sentimentos, desaparecer, deixarmos de ser quem somos. Isso gera medo nas pessoas. Afinal de contas, nenhum de nós quer deixar de existir como individualidade, certo?

Mas o verdadeiro significado do *negue a si mesmo* é que começemos a substituir gradativamente o homem velho que ainda vive em nós pelo homem novo. O homem velho é o nosso eu atual, que carrega consigo vícios e imperfeições ainda tão arraigadas ao espírito.

É um processo que ocorre naturalmente à medida que colocamos em prática os ensinamentos do Cristo. Pouco a pouco os enganos, as ilusões, os defeitos vão dando lugar a uma nova postura, uma nova conduta de vida. Pouco a pouco o homem velho se desfaz e o homem novo ganha vida em nós.

Quanto ao *tome a sua cruz*, Jesus nos diz que precisamos assumir de forma consciente o trabalho que cabe exclusivamente a nós em nosso processo evolutivo.

Todos nós ainda temos muitos débitos perante a Justiça Divina; cometemos erros no passado que precisam ser reparados; precisamos passar por muitas experiências para o nosso aprendizado. Pois esse trabalho é nosso e de ninguém mais. Essa cruz é nossa, não podemos entregá-la a outra pessoa para que a carregue por nós.

Nós terceirizamos nossos problemas com muita facilidade. Por exemplo: a infelicidade no relacionamento a dois é culpa do companheiro ou da companheira. Ou ainda: não consigo crescer profissionalmente por culpa do chefe que não reconhece o meu trabalho ou por causa dos colegas de trabalho que são invejosos e me prejudicam.

A todo momento estamos tentando colocar nossa cruz nos ombros dos outros. Jesus nos diz que uma mudança de postura nesse sentido é essencial para que possamos segui-Lo. O primeiro passo na solução de qualquer problema é admitir que o problema existe.

Na infelicidade que sinto em meu relacionamento preciso me perguntar com toda a franqueza possível: "Será que eu também não tenho um comportamento que causa a infelicidade da minha companheira? Nos momentos de atrito minha reação tem sido de atenuar os problemas ou aumentá-los? Talvez eu esteja jogando pedras e fique esperando receber flores. O que posso fazer para tornar meu relacionamento mais feliz?".

No meu insucesso profissional devo me questionar: "Tenho feito meu trabalho de maneira que corresponda às expectativas dos meus superiores? Lido com meus colegas com espírito de equipe ou penso apenas em mim mesmo? Se de fato, aqui nessa empresa, apesar de todos os meus esforços, a oportunidade de crescimento profissional que eu desejo não virá, não seria hora de me empenhar em conseguir outro emprego onde eu possa evoluir em vez de permanecer aqui reclamando?".

Todos os problemas, as dificuldades que enfrentamos na vida são nossas cruzes. Jesus não fará com que elas desapareçam milagrosamente, mas no Seu evangelho de amor e bondade e na infinita Misericórdia que o Mestre tem por todos nós, encontraremos os recursos para sustentarmos nossa cruz com mais leveza e com gratidão por todo o amparo e assistência que temos recebido.

A segunda passagem evangélica que gostaríamos de trazer é aquela que se encontra em Mateus 10:34-36

*Não penseis que vim trazer paz sobre a Terra. Não vim trazer paz, mas espada. Pois eu vim separar o homem do seu pai, a filha de sua mãe, e a nora de sua sogra; e os inimigos do homem serão os membros de sua casa.*

Essa é uma daquelas passagens evangélicas que, se interpretadas superficialmente, fazem acreditar que Jesus estaria em contradição consigo mesmo. Ela se encontra, junto com outras passagens de teor semelhante, no capítulo XXIII de O Evangelho Segundo o Espiritismo intitulado *Estranha Moral*.

Analisando essa passagem, Kardec nos diz que seria uma contradição da parte de Jesus, que sempre pregou o amor ao próximo, dizer que ele veio trazer a discórdia e a divisão entre os membros da família. Seria algo inaceitável. Alguns estudiosos do evangelho chegam a dizer que tais palavras não foram ditas por Jesus, mas Kardec afirma que sim, Jesus proferiu essas palavras. Portanto, para compreendermos de fato o que Jesus quis dizer é preciso tirar o espírito da letra.

Kardec nos esclarece que Jesus sabia de antemão que Suas ideias encontrariam uma enorme resistência daqueles que exploravam as crenças religiosas, dos que queriam manter sob seu poder o povo menos esclarecido quanto às coisas da vida futura, daqueles que matavam e morriam em guerras fraticidas derramando sangue supostamente em nome de Deus.

O mestre sabia que suas ideias causariam uma ruptura entre os que queriam manter poder e domínio e aqueles que abraçariam os novos ideais que Ele veio trazer à humanidade. Mesmo dentro das famílias consaguineas essa ruptura aconteceria. Daí Jesus ter tido que veio separar o pai do filho, a filha da mãe, a nora da sogra. Isso é algo que nós precisamos ter em mente pois nós também somos suscetíveis de sofrer essa ruptura. Aliás, é quase certo que isso aconteça conosco.

Quando nós assimilamos os ensinamentos do Cristo e começamos a vivenciá-los, sobretudo através da Doutrina Espírita, é impossível não nos transformamos. Foi por isso que Kardec disse:

*Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más*.

É simplesmente impossível permanecer a mesma pessoa quando o Cristo começa a viver em nós.

Assim, gradativamente eu me torno seletivo com relação às minhas ações, reações, gostos, lugares e pessoas. Eu começo a me desapegar daquilo que se torna incompatível com o novo modo de vida que eu escolhi e isso invariavelmente leva à rupturas. Rupturas comigo mesmo, pois o homem velho começa a perder espaço em nós; rupturas com os outros.

É muito importante termos em mente que não se trata de desprezar pessoas. Não é uma questão de nos considerarmos melhores que elas e, portanto, acharmos que elas já não merecem mais nossa companhia. Essa maneira de pensar na verdade denotaria orgulho da nossa parte e estariamos dando provas de que não aprendemos nada com Jesus.

Estamos falando aqui de trilhar novos caminhos, os quais nem sempre as pessoas seguirão conosco. São situações em que precisamos ter força de vontade e, às vezes, coragem. Se não nos mantivermos firmes em nossos novos propósitos, corremos o risco de abandonarmos o Cristo e retornarmos ao velho modo de viver.

Outro ponto ao qual devemos nos atentar: Jesus espalhou o bem a todos os que cruzaram seu caminho. Para Ele, a oficina de trabalho é o mundo inteiro. Isso se aplica também a nós. Não importa a quem, quando, onde ou como: se a vida nos oferece ensejo de fazer o bem, devemos fazê-lo.

Aqui na Casa de Glacus é muito fácil ser cristão. Afinal de contas, estamos envolvidos em uma atmosfera de paz e de luz. Compartilhamos sentimentos, ideias e pensamentos. Aqui dentro geralmente somos tolerantes, pacientes e afáveis.

Recebemos valiosas oportunidades de aprendizado e de reflexão. Através do amparo da Espiritualidade Amiga, nossas energias são renovadas e ganhamos forças para enfrentarmos nossas lutas diárias.

Mas o que recebemos aqui precisa ser levado para o mundo lá fora. Claro que podemos trabalhar aqui realizando uma ou mais tarefas que essa casa nos oferece. Mesmo vocês que nos ouvem nesse momento estão trabalhando, doando suas boas vibrações e energias, mantendo a sintonia elevada. Estão colaborando com a Espiritualidade.

O mundo lá fora é nossa maior e mais importante oficina de trabalho. Seja no lar, no local de trabalho, nos momentos de lazer, nos locais de estudo, no convívio social; em todo e qualquer lugar podemos e devemos colocar em prática aquilo que aprendemos com o Cristo.

Não se trata de fazer pregação ou dar sermões; também não se trata de ganhar destaque entre as pessoas ou ser elogiado por elas. Muito pelo contrário: trata-se de praticar, dentro de nossas possibilidades, aquilo que o Cristo nos ensinou.

Assim como Jesus serviu a muitos por onde passou, também nós devemos fazer o bem por onde passarmos.

O Espiritismo é o Cristo redivivo. Sem querer fazer críticas aos nossos irmãos de outras escolas religiosas, mas o Espiritismo nos mostra e prova que o evangelho de Jesus precisa sair dos templos, da adoração em locais sagrados e assumir um lugar preponderante em nossas vidas, precisa estar à frente em tudo aquilo que fizermos.

Não podemos ficar esperando que no dia do juízo final, Jesus venha arrebatar os bons ao Céu e enviar os maus ao Inferno. Jesus é, de fato, o salvador da humanidade, mas não aquele salvador que no momento derradeiro, vai isentar seus seguidores dos erros - que a maioria chama de pecados - e transportá-los para o paraíso de contemplação.

O Cristo é o salvador da humanidade porque ele nos ensinou que, se procurarmos viver como Ele viveu, trabalhando incensantemente no bem, seremos salvos de nós mesmos, dos erros, dos vícios, das imperfeições que ainda trazemos arraigadas ao nosso ser ao longo dos milênios.

Nosso planeta passa por transformações morais e o tempo que temos para nos credenciarmos a permanecer na Terra regenerada está se esgotando.

Há pouco mais de 2000 anos nós colocamos o Cristo na cruz. Precisamos urgentemente retirá-Lo de lá e o colocarmos em nossos corações. É tempo de substituir a crucificação pela cristificação. Devemos ser co-criadores da obra do Cristo no mundo. Ele espera isso de nós.

Deus nos deu como guia e mestre esse Espírito de luz, puro, excelso. A Terra é para nós lar, escola, oficina de trabalho e hospital de almas. Ao longo de toda nossa trajetória aqui no mundo o Cristo tem estado conosco. Mas será que nós também temos estado com Ele?

Pensemos nisso.